

Fernando Pessoa e Guilherme de Faria: História de um (des)encontro

[Fernando Pessoa and Guilherme de Faria: History of a (mis)encounter]

José Rui Teixeira*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Guilherme de Faria, História da literatura, História da cultura.

Resumo

Fernando Pessoa e Guilherme de Faria partilharam há cem anos, em Lisboa, os lugares de tantos encontros e desencontros no meio literário. É certo que se cruzaram e que contactaram, mas persiste a dúvida de que se tenham conhecido pessoalmente. São estes uns subsídios para a história de um (des)encontro.

Keywords

Fernando Pessoa, Guilherme de Faria, History of literature, History of culture.

Abstract

Fernando Pessoa and Guilherme de Faria shared a hundred years ago, in Lisbon, the places of so many encounters and disagreements in the literary world. It is true that they crossed paths and made contact, but the doubt remains that they met in person. These are some subsidies for the history of a (mis)encounter.

* Cátedra Poesia e Transcendência – Sophia de Mello Breyner Andresen, Universidade Católica Portuguesa (Porto).

Quando Guilherme de Faria nasceu, em 1907, Fernando Pessoa tinha já 19 anos e as circunstâncias das suas vidas não permitiriam prever um encontro entre os dois poetas. Mas a história da literatura não se faz apenas de encontros; faz-se também de desencontros.

Guilherme de Faria nasce em Guimarães, no seio de uma família abastada, arreigada a um contexto tradicional e católico, com justificadas expectativas sociais. O seu pai – António Baptista Leite de Faria – fora companheiro de Sidónio Pais nos tempos de estudante, em Coimbra, onde se formou em Medicina. Dessa amizade e sintonia política, resultará o fascínio de Guilherme de Faria – criança ainda – por Sidónio Pais. Com efeito, antes de despertar para a poesia, sentira-se fascinado pela política e pelo jornalismo proselitista e panfletário. Não tinha ainda 11 anos quando, vencendo todas as dificuldades e oposições, fundou um jornal destinado a defender obstinadamente o presidente e a República Nova: o primeiro número desse jornal, o *5 de Dezembro*, foi publicado no dia em 22 de agosto de 1918. Guilherme de Faria era o diretor deste quinzenário “Defensor da Causa Sidonista”. Se os primeiros artigos ainda se ressentiam de alguma inexperiência e pouca idade, a sua qualidade foi melhorando progressivamente. Na apresentação, Guilherme de Faria estabelece o propósito do *5 de Dezembro*: “Ao fundar este jornal proponho-me defender unicamente três ideais sublimes que são a base da educação dum povo e cuja memória jamais me será ingrata – Deus, Pátria e República” (FARIA, 1918: 2).

António Baptista Leite de Faria parte para Lisboa em outubro de 1918, dois meses antes do assassinato de Sidónio Pais, a 14 de dezembro. A morte do presidente e o regresso da República Velha constituem para Guilherme de Faria incedíveis fatalidades históricas. No último número do *5 de Dezembro*, no dia 12 de janeiro de 1919, escreve sentidamente:

Neste momento verdadeiramente trágico, mais que nunca é necessária a união de todos os republicanos sinceros, de todos os patriotas verdadeiros, em torno da bandeira da Pátria, para assim continuarmos, com patriotismo e entusiasmo, a obra grandiosa e profundamente republicana do homem que foi o Presidente Mártir, Herói e Santo, o maior português dos tempos atuais.

(FARIA, 1919: 2)

Escutamos nestas palavras o eco da densidade emocional do poema “À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais”, de Fernando Pessoa, publicado na *Acção* (n.º 4, 27 de fevereiro de 1920), onde se lê: “Flor alta do paul da grei, | Antemanhã da Redenção, | Nele uma hora encarnou el-rei | Dom Sebastião” (PESSOA, 2005: 122). Aqui se encontram, sem o saber, os dois poetas uma primeira vez. Nesse mesmo ano de 1920, Guilherme de Faria escreve dois sonetos (inéditos) dedicados à memória de Sidónio Pais. Num dos sonetos, intitulado “Salvem a Pátria!”, o jovem poeta, com apenas 12 anos, escreve num tom enfático:

Gelada noite. A Pátria está a expirar.
Tudo está envolto por um negro manto:
Todos estão cegos já, d'amargo pranto.
Não existe um só raio de luar...

No túmulo sagrado, vetusto e santo,
Os antigos valentes estão a falar:
(Escutai! Escutai! – Milagre sacrossanto!)
São eles que gritam: “Ressurgir! Acordar!”

Ó ardente e vibrante e linda mocidade!
Ó almas em flor, almas de fresca idade!
– Proclamai o bem e eliminai o mal!

Os heróis impávidos do tempo d'outrora,
Ordenam que se vista a Pátria d'aurora,
Ordenam que se salve o velho Portugal!

(FARIA, “Salvem a Pátria!”, 1920, manuscrito inédito, coleção particular)



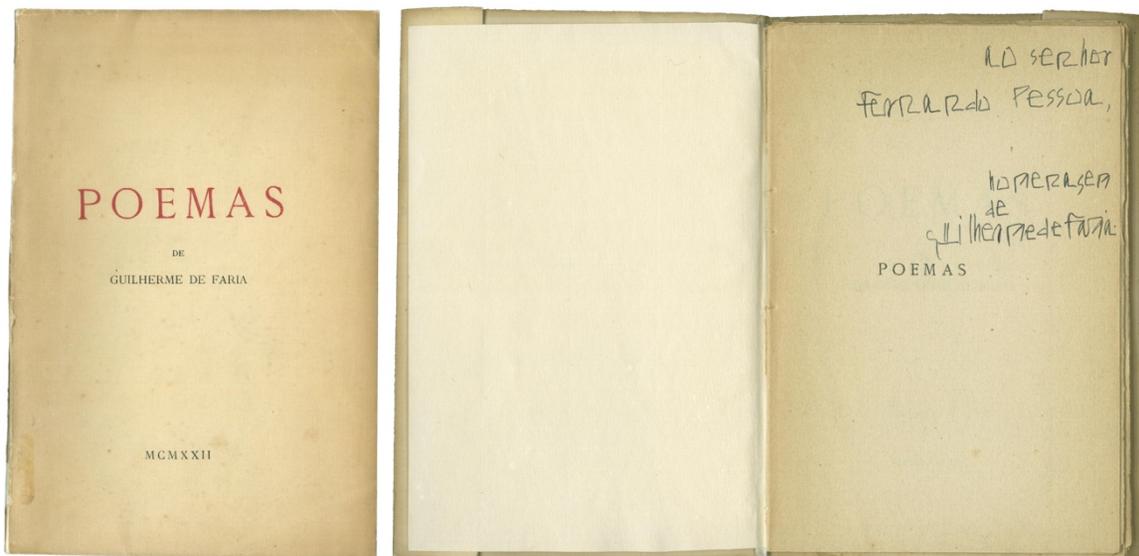
Fig. 1. Jornal *5 de Dezembro*, do dia 22 de Dezembro de 1918.

*

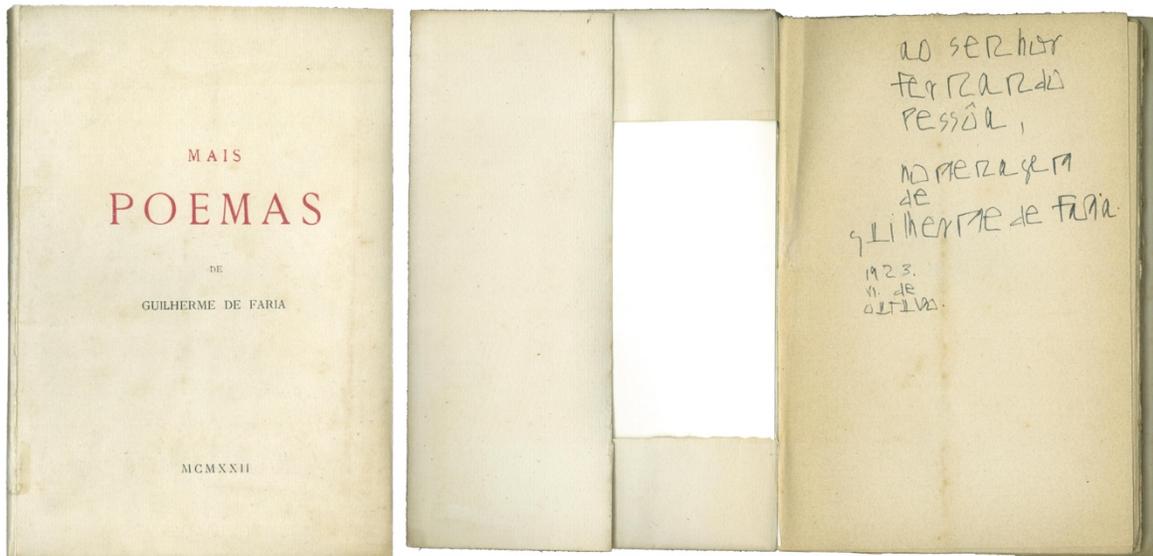
No outono de 1919, a família junta-se a António Baptista Leite de Faria em Lisboa, passando a viver no espaçoso 2.º andar do n.º 11 da Rua da Horta Seca, junto ao Largo de Camões. Guilherme de Faria despede-se de Guimarães e, com apenas 12 anos, passa a viver entre o Bairro Alto e o Chiado. O seu crescente interesse pela poesia será escorado nos cafés e nas livrarias, na proximidade que vai estabelecendo – criança ainda – com os meios literário e artístico lisboetas da década de 1920.

Para além da precocidade de Guilherme de Faria, é impressionante o modo como se relacionava com os diferentes grupos: monárquicos afetos ao Integralismo Lusitano e republicanos, saudosistas e modernistas, gente como Raul Brandão, Fausto Guedes Teixeira, Teixeira de Pascoaes, Afonso Lopes Vieira, António Correia d’Oliveira, Alfredo Pimenta, Raul Leal, Luís de Almeida Braga, Carlos de Lemos, Vitoriano Braga, Mário Beirão, Mário Saa, José de Almada Negreiros, António Botto e, entre outros, José Bruges d’Oliveira. Da sua geração, Guilherme de Faria introduz no meio literário – como no séquito de Pascoaes, n’A Brasileira do Chiado – Anrique Paço d’Arcos e António Pedro.

No final de abril de 1922, estreia-se com *Poemas* e, logo em novembro, publica *Mais Poemas*. Os dois livros foram oferecidos – assinados e dedicados – a Fernando Pessoa (cf. Figs. 2 a 5). Lê-se no exemplar de *Poemas*: “Ao senhor Fernando Pessoa, homenagem de Guilherme de Faria”; o mesmo no exemplar de *Mais Poemas* que, além disso, tem a data de 6 de outubro de 1923, dia em que o jovem poeta celebrou dezasseis anos. Com efeito, não sei se chegaram a conhecer-se pessoalmente, nem quem terá mediado a relação, nem se os livros constituem apenas uma oferta de circunstância, como de certo modo as dedicatórias parecem indicar.

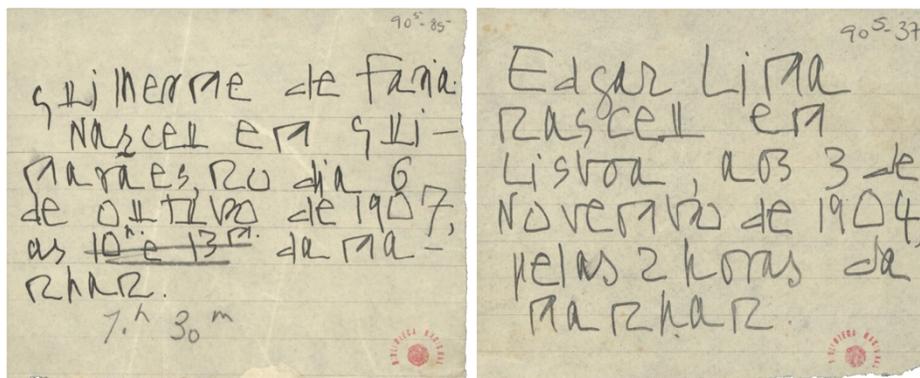


Figs. 2 e 3. Guilherme de Faria. *Poemas*. Lisboa: Imprensa Manuel Lucas Torres, 1922. [CFP 8-184]



Figs. 4 e 5. Guilherme de Faria. *Mais Poemas*. Lisboa: Imprensa Manuel Lucas Torres, 1922. [CFP 8-183]

Porém, verdadeiramente intrigantes, são dois apontamentos autógrafos de Guilherme de Faria (cf. Figs. 6 e 7), que a caligrafia permite datar de 1923, com os nome, local, data e hora de nascimento do poeta e de Edgar de Lima, amigo com que privou nessa época. Como chegaram estes apontamentos a Fernando Pessoa? Teriam como propósito um horóscopo?



Figs. 6 e 7. Apontamentos localizados no espólio pessoano (BNP/E3, 90°-85°, 90°-37°).

Anrique Paço d’Arcos, em “Voz nua e descoberta”, partilha a memória de mais um desencontro:

Nessa minha fugaz incursão nos meios literários uma falha se verificou de que hoje guardo verdadeiro desgosto: não ter conhecido Fernando Pessoa. Lembro-me vagamente de o ter visto uma vez a uma mesa do Martinho da Arcada, quando ali entrei com o Guilherme para este comprar cigarros. Mas então nem literariamente o conhecia ainda, e para sempre o perdi.

(PAÇO D’ARCOS, 1993: 264)

Se já se conhecessem, ter-se-iam certamente cumprimentado e Guilherme de Faria teria apresentado Anrique Paço d'Arcos a Fernando Pessoa. É possível que este episódio tenha sido anterior a 6 de outubro de 1923, mas também é possível que Guilherme de Faria e Fernando Pessoa não se tenham conhecido pessoalmente.

No catálogo da biblioteca de Guilherme de Faria (manuscrito em dois cadernos, datados de 1924 e 1926), há apenas uma referência a Fernando Pessoa: à edição de 1921 da sua tradução de *A Voz do Silêncio*, de Helena Blavatsky.

No espólio de António Hartwich Nunes, encontrei um recorte do n.º 834 da *Ilustração Portuguesa*, de 11 de fevereiro de 1922, que Guilherme de Faria lhe enviou, com o poema “Canção”, de Fernando Pessoa (cf. PESSOA, 2005: 101).

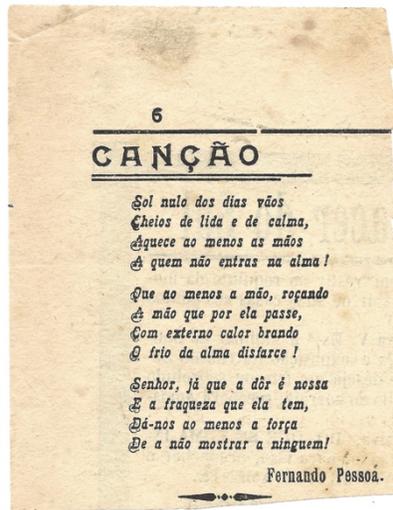


Fig. 8. Recorte do n.º 834 da *Ilustração Portuguesa*.

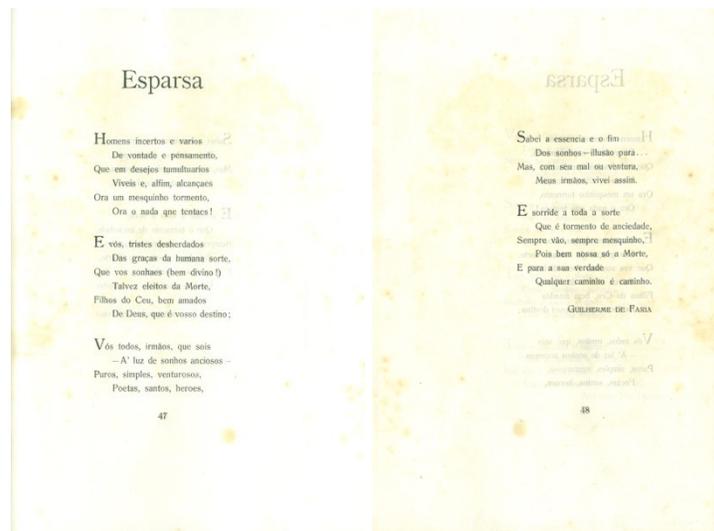
Não encontrei qualquer outra referência a Fernando Pessoa entre os documentos de Guilherme de Faria que me foi possível reunir, mas sei que havia pelo menos uma carta de Pessoa – há muito desaparecida – no espólio da casa da Rua da Horta Seca. Seria provavelmente uma carta de circunstância a agradecer a oferta dos livros.

Seja como for, Guilherme de Faria relacionou-se e correspondeu-se com vários amigos de Fernando Pessoa, como é o caso de António Botto, Raul Leal, Mário Saa, Vitoriano Braga e José de Almada Negreiros.¹

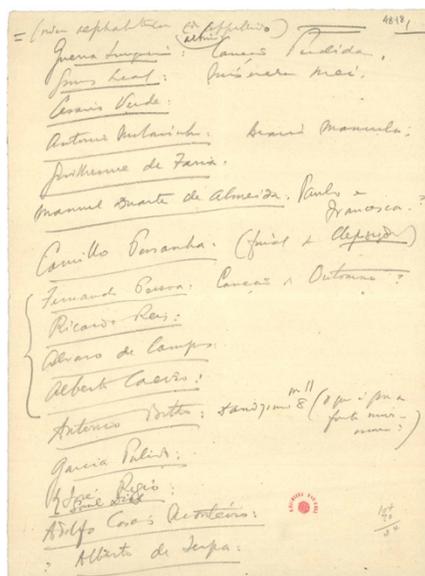
¹ Almada Negreiros retratou Guilherme de Faria no princípio de fevereiro de 1927. Um outro retrato aparece reproduzido no *Diário de Lisboa* de 27 de fevereiro de 1943. Joaquim Manso escreveu em “Sonho incompleto do poeta Guilherme de Faria”: “Decorridos dez anos, Almada regressou a Lisboa com ilusões a menos e talento a mais. Perguntou: – Que é feito do poeta adolescente? – Morreu numa hora funesta, de desengano e bruma. Correu aos seus papéis, aos seus apontamentos esquecidos e, ao encontrar entre eles o retrato do desditoso, exclamou: – Cá está ele! Numa das suas relampejantes exposições, apresentou-o ao público e quantos o viram reconheceram nele a antemã macerada e despedaçada do autor de *Saudade Minha* – bem nascido e mal fadado” (MANSO, 1943: 15). Existem, entrem os documentos de Guilherme de Faria, alguns desenhos e apontamentos de Almada Negreiros.

Guilherme de Faria suicida-se no dia 4 de janeiro de 1929. Nesse mesmo ano, Fernando Pessoa e António Botto publicam os três fascículos da *Anthologia de Poemas Portuguezes Modernos*, com o poema “Esparsa”, de Guilherme de Faria (cf. PESSOA; BOTTO, 1929: 47-48). Trata-se de um poema de *Manhã de Nevoeiro* (cf. FARIA, 1927: 47-48) e escolhido para a antologia *Saudade Minha (Poesias Escolhidas)* (cf. FARIA, 1929: 249-250), que o próprio Guilherme de Faria organizou no final de 1928 e que seria publicada postumamente em maio de 1929.

O nome de Guilherme de Faria aparece numa lista manuscrita a lápis por Pessoa, com um plano de antologia, de c. 1934, que “é possível relacionar” com essa *Antologia de Poemas Portuguezes Modernos* (cf. SEPÚLVEDA e URIBE, 2016: 220-222), que seria publicada em 1944 (cf. PESSOA e BOTTO, 1944: 69-70).

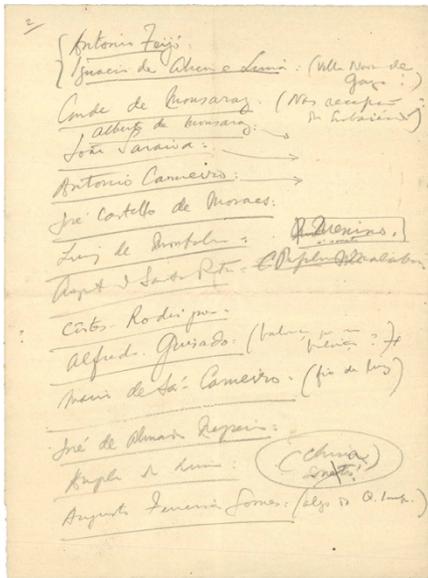


Figs. 9a-9b. *Anthologia de Poemas Portuguezes Modernos* (1929), pp. 47-48.

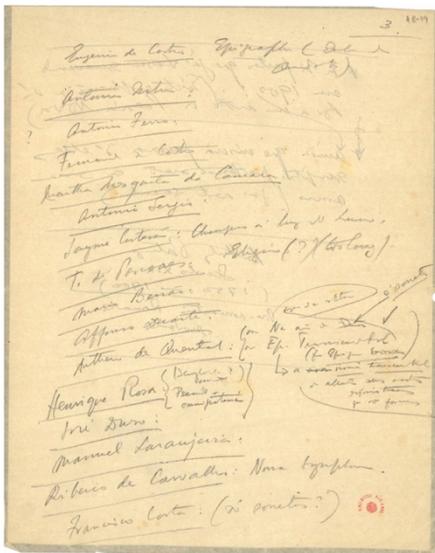


=(ordem alfabética e ([↑ do ↓ ultimo] appellido)

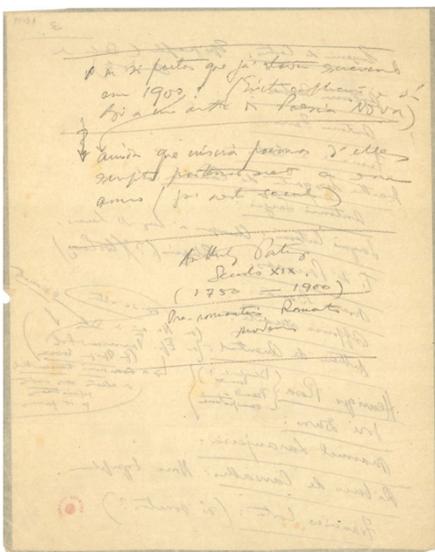
- Guerra Junqueiro: Canção Perdida.
- Gomes Leal: Misererei Mei.
- Cesario Verde:
- Antonio Molarinho: Maria Manuela.
- Guilherme de Faria:
- Manuel Duarte de Almeida: Paulo e Francesca. ?
- Camillo Pessanha: (final de Clepsidra)
- Fernando Pessoa: Canção de Outomno ?
- Ricardo Reis:
- Alvaro de Campos:
- Alberto Cairo:
- Antonio Botto: Dandysmo 8 [↑ ou 11] (o que é que a fonte murmura?)
- Garcia Pulido:
- José Régio:
- Saul Dias:
- Adolfo Casais Monteiro:
- ? Alberto de Serpa:



- { Antonio Feijó: □
- { Ignacio de Abreu de Lima: (Villa Nova de Gaya?)
- Conde de Monsaraz: (Nas recepções da Embaixada[↑?])
- Alberto de Monsaraz: → □
- João Saraiva: → □
- Antonio Carneiro: → □
- José Castello de Moraes: □
- Luiz de Montalvor: <Me> Menino [↓ é soneto].
- Augusto de Santa Rita: <C> Prophecia Malabar
- Cortês-Rodrigues: □
- Alfredo Guisado: (baloço que me baloiça?)
- Mario de Sá-Carneiro: (fio de luz)
- José de Almada Negreiros: □
- Angelo de Lima: (chuva) <soneto?>
- Augusto Ferreira Gomes: (alço do Q[uinto] Imp[er]io)



- Eugenio de Castro: Epigraphe (Sombra do Quadrante)
- Antonio Nobre: □
- ? Antonio Ferro: □
- Fernanda de Castro: □
- Martha Mesquita da Camara: □
- Antonio Sergio: □
- Jayme Cortesão: Choupos á luz do Luar.
- T[eixeira] de Pascoaes: Elegias (?) (too long)
- Mario Beirão: □
- Affonso Duarte: □
- Anthero de Quental: { ou Na mão de Deus ← é soneto ↓ } { ou Ep[igramma] Transcendental } (from Epigrammas + [↑ azas de setim]) a <+> ironia transcendental dos allemães seus mestres espirituaes que não formaes
- Henrique Rosa: { (Shylock †?) } { Pseudo-omnipotente }
- José Duro: □
- Manuel Laranjeira: □
- Ribeiro de Carvalho: Nona Symphonia.
- Francisco Costa: (só sonetos?)



<+> ou só poetas que já estavam escrevendo em 1900 [↓ ainda que insira poemas d'elles escriptos posteriormente a esse anno (já neste seculo)]? (Evita complicações e dá azo a uma anthol[ogia] da Poesia Nova)

Anthologia Portugueza
Seculo XIX.
(1750-1900)

Pre-romanticos, Romanticos, Modernos.

*

Persiste ainda uma questão curiosa e intrigante, que implica Aleister Crowley, esse homem estranho, em cuja complexidade e desenvoltura se acusam os traços típicos desse misto de charlatão e de inspirado que Fernando Pessoa, tímido mistificador, debalde procurou ser. Ao ler o horóscopo de Crowley, Fernando Pessoa descobriu alguns erros e apressou-se a comunicá-los.

Tempos depois, não sem surpresa sua, recebe, de Londres, uma carta de Crowley, onde o célebre mago dava inteira razão ao astrólogo português seu confrade. Estabelece-se correspondência entre os dois; Pessoa envia a Crowley os seus *English Poems* e, um belo dia, o mago anuncia ao seu émulo perdido nos confins ocidentais da Europa que virá a Portugal, propositadamente, para conhecer, em carne e osso, o prodígio astrológico que ele é.

(SIMÕES, 1991: 523)

Crowley tinha 55 anos quando, no dia 2 de setembro de 1930, chegou a Lisboa. “Em terra, Fernando Pessoa, transido e tímido, vê avançar para ele um homem alto, espadaúdo, envolto numa capa negra” (SIMÕES, 1991: 525). Semanas depois, o escritor português aceita entrar “numa cabala em que Crowley dá largas ao seu cabotinismo” (SIMÕES, 1991: 526): o ocultista inglês encenou o suicídio na Boca do Inferno (cf. ZENITH, 2022: 852-867).

Haverá alguma relação entre a encenação do suicídio de Aleister Crowley na Boca do Inferno, em 1930, e o suicídio de Guilherme de Faria no mesmo lugar, um ano antes, no dia 4 de janeiro de 1929? Terá sido Fernando Pessoa a sugerir a Crowley o local da encenação? E essa sugestão poderá ter sido inspirada pelo suicídio de Guilherme de Faria?

*

Apesar das interrogações que persistem, o que mais intensamente une os dois poetas é o contexto: o Chiado, Lisboa, o meio literário e artístico que ambos partilharam. Une-os a admiração por Antero de Quental, António Nobre e Camilo Pessanha. Une-os a poesia, nesses espaços estéticos transfronteiriços: se uma parte significativa da poesia de Fernando Pessoa habita confortavelmente nos territórios das persistentes tendências neorromânticas, o lirismo elegíaco de Guilherme de Faria – tão arreigado ao neorromantismo lusitanista – pressente outros caminhos, entrevê timidamente as tendências modernista que eram, no fundo, incompatíveis com o seu temperamento.

Em 1928, a fotografia do bilhete de identidade de Fernando Pessoa, então com 40 anos, fala essencialmente do poeta que Guilherme de Faria não foi: em 1928 o autor de *Saudade Minha* tinha vinte e um anos e estava prestes a pôr termo à sua vida. Se tivesse vivido mais vinte anos, talvez o seu aspeto fosse o de um homem envelhecido, com fato escuro, bigode e um olhar profundo por detrás das lentes redondas dos óculos.

E ao pensar nesse Guilherme de Faria que não chegou a existir, assolam-me os versos da “Tabacaria”: “Serei sempre *o que não nasceu para isso*; | Serei sempre só *o que tinha qualidades*; | Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de uma parede sem porta” (PESSOA, 2002: 322).



Figs. 10 e 11. Guilherme de Faria (1927) e Fernando Pessoa (1928).

Bibliografia

- BLAVATSKY, Helena (1921). *A Voz do Silêncio*. Versão portuguesa de Fernando Pessoa. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- FARIA, Guilherme de (1929). *Saudade Minha (poesias escolhidas)*. Lisboa: [s.n.].
- _____ (1927). *Manhã de Nevoeiro*. Lisboa: [s.n.].
- _____ (1919). “Editorial”. *5 de Dezembro (quinzenário defensor da Causa Sidonista)*, n.º 11, Guimarães, 12 de janeiro.
- _____ (1918). “Editorial”. *5 de Dezembro (quinzenário defensor da Causa Sidonista)*, n.º 1, Guimarães, 22 de agosto.
- MANSO, Joaquim (1943). *O Pórtico e a Nave: conferências*. Lisboa: Bertrand.
- PAÇO D’ARCOS, Anrique (1993). *Poesias Completas*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- PESSOA, Fernando (2005). *Poesia: 1918-1930*. Edição de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine. Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (2002). *Poesia de Álvaro de Campos*. Edição de Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- PESSOA, Fernando; BOTTO, António (1944) (orgs.). *Antologia de Poemas Portugueses Modernos*. Coimbra: Nobel.
- _____ (1929). *Anthologia de Poemas Portuguezes Modernos*. [S.l.: s.n.] (Lisboa: Centro Tip. Colonial).
- SEPÚLVEDA, Pedro; URIBE, Jorge (2016). *O Planeamento Editorial de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- SIMÕES, João Gaspar (1991). *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Lisboa: Dom Quixote. 6.ª edição.
- TEIXEIRA, José Rui (2013). *Os Versos de Luz por Escrever: Vida e Obra de Guilherme de Faria*. Maia: Cosmorama.
- ZENITH, Richard (2022). *Pessoa. Uma biografia*. Lisboa: Quetzal Editores.

JOSÉ RUI TEIXEIRA nasceu no Porto, em 1974. É licenciado em Teologia pela Universidade Católica Portuguesa, mestre em Filosofia e doutor em Literatura pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É diretor da Cátedra Poesia e Transcendência – Sophia de Mello Breyner Andresen (UCP Porto). Integra o Conselho Científico do Instituto de Pensamiento Iberoamericano, da Universidad Pontificia de Salamanca. É investigador do Centro de Investigação em Teologia e Estudos de Religião (Universidade Católica Portuguesa) e do Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les Mondes Ibériques Contemporains (Université Paris-Sorbonne).

JOSÉ RUI TEIXEIRA was born in Porto, in 1974. He holds a degree in Theology from the Portuguese Catholic University, a Master's in Philosophy and a PhD in Literature from the Faculty of Arts of the University of Porto. He is the director of the Chair Poetry and Transcendence – Sophia de Mello Breyner Andresen (UCP Porto). He is a member of the Scientific Council of the Instituto de Pensamiento Iberoamericano, Universidad Pontificia de Salamanca. He is a researcher at the Center for Research in Theology and Studies of Religion (Portuguese Catholic University) and the Center for Interdisciplinary Research on Contemporary Iberian Worlds (Université Paris-Sorbonne).